

O retorno do movimento democrático da Tailândia – uma encruzilhada

Via [Europe Solidaire Sans Frontières](#)

O regime militar conservador da Tailândia detém o poder através da repressão e de um sistema político manipulado. Este ano, no entanto, o governo enfrentou um desafio sem precedentes de um movimento pró-democracia liderado por jovens ativistas.

Os manifestantes tailandeses se juntaram agora às fileiras de jovens rebeldes que se levantam contra a injustiça e o autoritarismo em diferentes partes do mundo, de Hong Kong ao Chile, da Nigéria ao Líbano, da Bielorrússia aos EUA. Desde agosto, grandes protestos pró-democracia liderados por jovens abalaram a junta militar tailandesa e ousaram criticar a monarquia do país.

Em 19 de setembro, no aniversário de um golpe militar contra um governo eleito em 2006, multidões em Bangkok chegaram a mais de 100.000 pessoas. Em 14 de outubro, o quadragésimo sétimo aniversário de uma revolta em massa contra a ditadura militar dos anos 70, manifestantes se reuniram em número semelhante, marchando até a Casa do Governo para exigir a demissão do ditador Prayut Chan-ocha. Eles também exigiram uma nova constituição e uma reforma da monarquia.

Como a rainha foi conduzida através das multidões que protestavam em outubro, ela foi recebida com a saudação pró-democracia de três dedos (e até mesmo alguns gestos de dedos médios). A multidão gritou “meus impostos” para ela. Em novembro, os manifestantes viraram as costas para uma comitiva real e novamente levantaram a saudação de três dedos.

Embora o governo tailandês tenha invocado poderes de emergência para proibir manifestações e sua força policial tenha usado canhões de água em duas ocasiões, os protestos continuaram. Quando a polícia pulverizou os manifestantes com água que continha um irritante químico, isto apenas provocou maior raiva e inchou o número de manifestantes.

Uma encruzilhada para o Movimento de Protesto

Até agora, a reação do governo militar tem sido suave em comparação com episódios do passado, quando as tropas foram enviadas para atirar em manifestações desarmadas. Mesmo assim, houve prisões de muitos ativistas importantes, e alguns enfrentam múltiplos casos em tribunal. A resposta do movimento tem sido declarar que “todos são líderes”, e ativistas de base têm continuado a organizar protestos.

Entretanto, Prayut e sua quadrilha de bandidos militares não estão prestes a ir facilmente. Eles passaram os anos desde o golpe de Estado de 2014, adotando medidas para manter seu poder: escrever uma nova constituição, nomear o senado, elaborar uma “Estratégia Nacional” de vinte anos e fixar as eleições do ano passado.

Prayut já tem sangue nas mãos: em 2010, quando ele era o comandante-chefe do exército, ele e o governo militar da época ordenaram o abate dos “camisas vermelhas” pró-democracia desarmados. Os militares tailandeses também usaram esquadrões da morte contra dissidentes que se abrigavam em países vizinhos.

O movimento está em uma encruzilhada. Organizar multidões em flash mob uma e outra vez corre o risco de cansar os manifestantes, e tais ações não são suficientes para tornar o país ingovernável, o que é uma condição necessária para a vitória. Há sinais ameaçadores de que a junta está procurando pressionar o movimento para um compromisso de má qualidade com a ajuda dos partidos políticos.

O objetivo deste projeto seria apenas alterar algumas partes da constituição através de um processo parlamentar. O governo também tem tentado dividir os manifestantes através de conversas com alguns estudantes do ensino secundário sobre as condições de educação.

Anatomia dos Protestos

Os manifestantes são formados por estudantes e trabalhadores, organizados por um grupo principalmente de jovens ativistas, que inicialmente se autodenominaram a organização “Povo Livre”. Eles agora criaram uma coalizão que se autodenomina “Partido Popular” inspirados no movimento que liderou a revolução de 1932 que derrubou com sucesso a monarquia absoluta. As jovens mulheres ocupam papéis de liderança no movimento.

O que diferencia este último movimento do anterior movimento Camisa Vermelha pela democracia há dez anos é que seus ativistas são independentes de qualquer partido político. Na verdade, os principais partidos da oposição não têm conseguido acompanhar o movimento – ao contrário dos vendedores de almôndegas que chegam aos locais de protesto no momento em que as pessoas começam a chegar.

Os estudantes do ensino secundário são uma parte importante do movimento e encenaram protestos de três dedos durante a cerimônia de hastear a bandeira obrigatória antes do início do dia escolar. Eles desafiam e discutem com seus professores – e muitas vezes são as mulheres jovens que são as vozes mais militantes.

Em uma ocasião, um grupo de estudantes deixou suas aulas para protestar fora do Ministério da Educação. Como o ministro tentou em vão se dirigir aos alunos, ele foi mandado fazer as malas com gritos zombando dele como um “lacaio da ditadura”! Há até mesmo relatos de um aluno da escola primária falando em um comício.

A saudação de três dedos foi emprestada da série de filmes dos Jogos Vorazes: tornou-se um símbolo da oposição à ditadura militar durante os protestos contra os golpes em 2014. As manifestações tailandesas estão sempre cheias de simbolismo. Os organizadores da mobilização em massa pró-democracia há dez anos eram conhecidos como Camisas Vermelhas, enquanto os partidários realistas dos militares vestiam camisas amarelas.

Estes reacionários de classe média tentaram mais tarde fingir que não eram partidários, vestindo camisas de cores diferentes. Seus oponentes imediatamente os marcaram como “Salim”, em referência a uma sobremesa de macarrão multicolorida. “Salim” tornou-se um termo depreciativo amplamente utilizado pelo lado pró-democracia para descrever seus adversários conservadores.

Uma Nova Geração

Os estudantes conseguiram animar e expandir os protestos pró-democracia, que ocorreram esporadicamente desde o último golpe militar em 2014, porque os membros desta nova geração viram a futilidade de impulsionar reformas dentro do sistema parlamentar controlado pelos militares. Eles estão fartos do conservadorismo arraigado na sociedade tailandesa, especialmente no sistema educacional.

A economia do país está numa confusão devido à pandemia da COVID-19, e a juventude tailandesa vê poucas razões para ter esperança no futuro. Eles compartilham estes sentimentos de raiva e frustração com grande parte da população adulta: mais da metade votou contra o partido militar em 2019. Uma pesquisa recente realizada pela Universidade de Bangkok constatou que mais de 40% da população está lutando para sobreviver.

A diferença geracional é que os jovens não sentem o mesmo medo que é comum entre os ativistas mais velhos que passaram por violentas crises militares no passado – uma característica que os protestos tailandeses compartilham com movimentos similares

em outros países. Como em todos os protestos em massa, as exigências do movimento estão se expandindo. As ativistas LGBT e pelo direito ao aborto se juntaram a eles, juntamente com ativistas em campanha pela autodeterminação na região muçulmana malaia de Patani. Ativistas mais antigos pró-democracia Camisa Vermelha também tomaram parte pela primeira vez desde que o exército reprimiu brutalmente seu movimento em 2010.

A ênfase do movimento juvenil na liderança descentralizada, sem estruturas organizacionais claras, é tanto uma força quanto uma fraqueza. Por um lado, tem permitido que os protestos continuem apesar das detenções periódicas de ativistas-chave. Por outro lado, significa que a estratégia é determinada na prática por um grupo de ativistas-chave não eleitos, sem muita oportunidade para o debate frente a frente dentro do movimento mais amplo.

Origens da crise política tailandesa

As raízes da crise atual estão nos eventos que levaram ao golpe de 2006 contra o governo eleito do empresário transformado em político Taksin Shinawat. Embora muitos comentaristas tentem explicar o conflito de classes dirigentes entre Taksin e os realistas em termos de “a velha ordem feudal” lutando contra “a classe capitalista moderna”, não é disso que se trata realmente o conflito.

Tanto Taksin quanto seus opositores conservadores são realistas. Os conservadores não são feudelistas em nenhum sentido significativo, mas devem ser vistos como neoliberais autoritários. Ao apoiar a ideia da monarquia, eles também estão apoiando uma das maiores corporações capitalistas da Tailândia.

A atual junta militar é a facção mais forte entre esses conservadores. Eles têm usado a força para tomar o poder no interesse do capital, enriquecendo-se pessoalmente no

processo. Os militares tailandeses também possuem um grande banco e vários veículos de mídia e têm sua própria rede de empresas.

Taksin é um capitalista rico que começou no ramo de tecnologia da informação e se tornou proprietário de uma das principais redes de telefonia móvel e comunicações da Tailândia. Entretanto, Taksin estava preparado enquanto esteve no cargo para usar uma espécie de keynesianismo de base misturado com políticas de livre mercado em nível nacional, a fim de modernizar o país. Ele chamou isto de abordagem "dual-track". Nos primeiros anos de seu governo, que chegou ao poder em 2001, ele recebeu amplo apoio de todos os setores da elite tailandesa por causa de seu sucesso em tirar a economia da crise financeira asiática.

Os conservadores se voltaram gradualmente contra Taksin por medo de perderem seus privilégios como resultado de seu vasto programa de modernização, que incluiu projetos de infraestrutura de grande escala e políticas governamentais que trouxeram benefícios para os pobres. A máquina política de Taksin, Thai Rak Thai, conquistou os corações e mentes do eleitorado através de tais políticas. Seu governo introduziu o primeiro sistema de saúde universal da Tailândia, estabeleceu fundos de criação de empregos em áreas rurais e providenciou alívio da dívida para os agricultores.

O forte apoio popular a Taksin assustou seus oponentes conservadores. Suas próprias ideias políticas não puderam desafiar o povo nas urnas, razão pela qual os conservadores acabaram recorrendo a um golpe militar em 2006.

Depois de Taksin

Taksin dificilmente foi um socialista. Tampouco era um democrata de princípios ou um defensor dos direitos humanos. Sua visão era de uma sociedade tailandesa modernizada onde o Estado e as grandes empresas pudessem incorporar a maioria da população no desenvolvimento econômico, olhando para países

como Cingapura em busca de inspiração. Desde 2008, ele vive em permanente exílio forçado, e não tem a intenção de apoiar uma revolta de massas.

O vácuo de liderança que resultou da abstenção de Taksin e a recusa do novo partido de oposição Move Forward Party [1] em construir este movimento de massas ajuda a explicar por que a atual mobilização de protesto foi além da política dominante. O movimento contra a junta do Prayut é agora totalmente independente do aparato político de Taksin e aspira à igualdade, liberdade e justiça social.

Desde o golpe de 2006, os militares tailandeses têm estado no comando, com um breve interlúdio quando a irmã de Taksin, Yingluck, formou um governo entre 2011 e 2014. Após a violenta repressão ao movimento democrático Camisa Vermelha em 2010, eleições livres em 2011 levaram ao poder um governo apoiado pelos camisas vermelhas com Yingluck como primeira mulher a ser a primeira-ministra da Tailândia. Os militares e o judiciário controlado pelo conservadorismo minaram repetidamente seu governo, que foi finalmente derrubado pelo golpe de Prayut em 2014, com elementos da classe média “Salim” apoiando a expulsão de Yingluck.

Após a tomada do poder por Prayut, as eleições finalmente aconteceram em 2019, mas sob regras antidemocráticas e uma constituição reacionária elaborada pelos militares. O partido pró-junta Palang Pracharat liderado pelo próprio Prayut ganhou menos de um quarto dos votos populares, mas o senado designado pelos militares ajudou a impulsionar a junta de volta ao governo com Prayut como primeiro-ministro. Os tribunais domesticados dos militares também dissolveram dois partidos da oposição. Até mesmo a chamada Comissão Nacional de Direitos Humanos está repleta de soldados e policiais.

A Monarquia em Declínio

Os tailandeses estão fartos do comportamento do novo rei,

Wachiralongkorn, que sucedeu seu pai Pumipon após a morte deste último em 2016. A raiva subjacente a este monarca arrogante e um tanto obsceno, agora se tornou pública. As pessoas estão zangadas com as leis que protegem o rei da crítica e da responsabilidade.

Wachiralongkorn passa grande parte de seu tempo com seu harém na Alemanha, tendo mudado a constituição para permitir que ele viva no exterior, e seu tratamento das mulheres é uma causa importante de sua impopularidade: quando suas consortes caem em desgraça, muitas vezes elas podem acabar na cadeia. Wachiralongkorn insistiu em outra emenda constitucional para colocar toda a riqueza associada à monarquia sob seu controle pessoal e centralizado.

As exigências de reforma da monarquia tailandesa refletem um sentimento generalizado de que sua influência e privilégios devem ser cortados. Com o passar do tempo, mais pessoas acham atraente a ideia de uma república. É a primeira vez em décadas que os tailandeses têm confiança para criticar o rei em público, desafiando as leis draconianas.

Os poderosos militares têm tradicionalmente usado a monarquia fraca como uma ferramenta para justificar um governo autoritário. Muitos ativistas na Tailândia acreditam erroneamente que existe um monarca absoluto governando o país. Na verdade, a monarquia tem tido muito pouco poder por direito próprio desde 1932: sua função é servir como uma ferramenta voluntária dos militares e dos conservadores.

Embora as críticas públicas muito bem-vindas à monarquia possam ajudar a enfraquecer a junta e acelerar o dia – há muito esperado – em que a Tailândia se torne uma república, a ditadura militar continua sendo o principal inimigo da democracia e do poder popular.

Um Governo de Fachada

A monarquia absoluta que foi derrubada em 1932 foi uma

monarquia capitalista, decorrente da revolução da Tailândia que acabou com o feudalismo na década de 1870. O regime absolutista [2] provou ser um regime instável, levando à revolução de 1932 e ao estabelecimento de uma monarquia constitucional sob o controle da classe capitalista da Tailândia.

Durante décadas, as elites do país governaram a Tailândia através de uma rede realista conservadora [3] que cria uma imagem do rei como um deus todo-poderoso (o termo “monarquia em rede” vem de Duncan McCargo, embora eu acredite que sua análise exagere o quão poderoso o monarca realmente é). No entanto, o rei anterior, Pumipon, sempre foi fraco: ele não tinha “caráter”, e seu poder era uma ficção.

A elite tailandesa reproduziu os discursos confusos e opacos de Pumipon como se fossem textos sagrados, mas as palavras continham pouca substância até que os membros conservadores da classe dominante os interpretaram para satisfazer seus próprios interesses. Seu filho muitas vezes tem dificuldade de juntar uma frase coerente, criando dificuldades para os diplomatas estrangeiros que tiveram que fazer uma conversa educada com o rei.

As pessoas que realmente importam entre as elites tailandesas são o exército, os altos funcionários do estado e os líderes empresariais. Eles se prostram no chão e prestam homenagem ao rei na TV, enquanto exercem o verdadeiro poder por trás desta fachada e enriquecem a si mesmos. Trata-se de uma peça ideológica, representada para enganar o público. Em todo o mundo moderno, as monarquias desempenham um papel ideológico para reforçar o status quo. A Tailândia não é uma exceção a esta regra.

A Tailândia foi um aliado próximo dos EUA durante a Guerra Fria, mas o estado tailandês tem se afastado gradualmente desta aliança desde a retirada dos EUA do Vietnã. Hoje, o governo tailandês está tentando equilibrar sua relação entre

as duas principais potências imperialistas da região: a China e os EUA. Os militares tailandeses freqüentemente compram hardware de fornecedores chineses.

Por sua vez, Washington tem sido relutante em apresentar qualquer crítica séria ao governo tailandês, seja sob Obama ou Trump. Os exercícios militares conjuntos EUA-Tailândia continuaram durante todo o período de governo militar. As teorias de conspiração que sugerem que os EUA devem estar por trás do movimento de protesto são infundadas e trazem a insultuosa implicação de que as pessoas comuns não podem se organizar sem que os forasteiros puxem os cordões.

0 Elo Perdido

Existem agora duas possibilidades para o futuro próximo. Ou o movimento de protesto avança para organizar ações mais poderosas e militantes, tais como greves, ou então o ímpeto se perderá. Dado o nível de apoio público aos protestos, é importante que os ativistas agora tentem construir paralizações no local de trabalho que acrescentariam poder ao movimento.

Muitos ativistas sindicais tailandeses querem lutar de uma forma politizada. Estes militantes, que estão baseados principalmente em locais de trabalho do setor privado, se opõem aos militares e às Camisas Amarelas. Nos últimos meses, eles têm aparecido para apoiar as manifestações pró-democracia lideradas pelos jovens, tanto como indivíduos quanto em grupos sindicais.

Na costa leste, onde há grupos de montagem de automóveis, peças de veículos e fábricas de máquinas elétricas, uma organização sindical que se autodenomina Grupo de Relações do Trabalho do Leste organizou comícios contra a Junta. Os trabalhadores têxteis em Sarabury, ao norte de Bangkok, também organizaram um comício. Entretanto, a influência desses militantes continua limitada, e não temos informações sobre

qualquer possível discussão a respeito de uma ação de greve.

Assim como os trabalhadores de fábrica das indústrias automotiva e têxtil, a classe trabalhadora tailandesa inclui trabalhadores de colarinho branco nos escritórios, bancos e universidades do país; trabalhadores de transporte; e pessoas que trabalham em hospitais tailandeses. Para construir uma ação de greve contra a junta, os jovens ativistas precisam se ligar aos militantes operários e visitar locais de trabalho para discutir como se livrar da ditadura.

As lições dos anos 70 e dos protestos derrotados do Camisa Vermelha de uma década atrás são claras sobre este ponto: é vital expandir o movimento para as fileiras da classe trabalhadora organizada. A fraqueza dos grupos de esquerda na Tailândia, que não têm tido uma presença significativa na vida política do país desde o declínio do movimento comunista tailandês [4] nos anos 80, tornará esta tarefa mais difícil de ser alcançada. Mas só podemos esperar que a nova geração de militantes comece a dar os passos necessários ao longo deste caminho.

[1] https://en.wikipedia.org/wiki/Move_Forward_Party

[2]

https://books.google.ie/books/about/The_Rise_and_Decline_of_Thai_Absolutism.html?id=4JxrL2S-pCQC&redir_esc=y

[3]

<https://www.tandfonline.com/doi/abs/10.1080/09512740500338937>

[4] <http://europe-solidaire.org/spip.php?article44465>